

A crítica no subsolo, de René Girard. Tradução de Martha Gambini. Editora Paz e Terra, 308 páginas. R\$ 34,90

Eduardo Guerreiro B. Losso

Matriz do pensamento de René Girard

Ensaaios mostram base da ideia de rivalidade mimética criada pelo filósofo

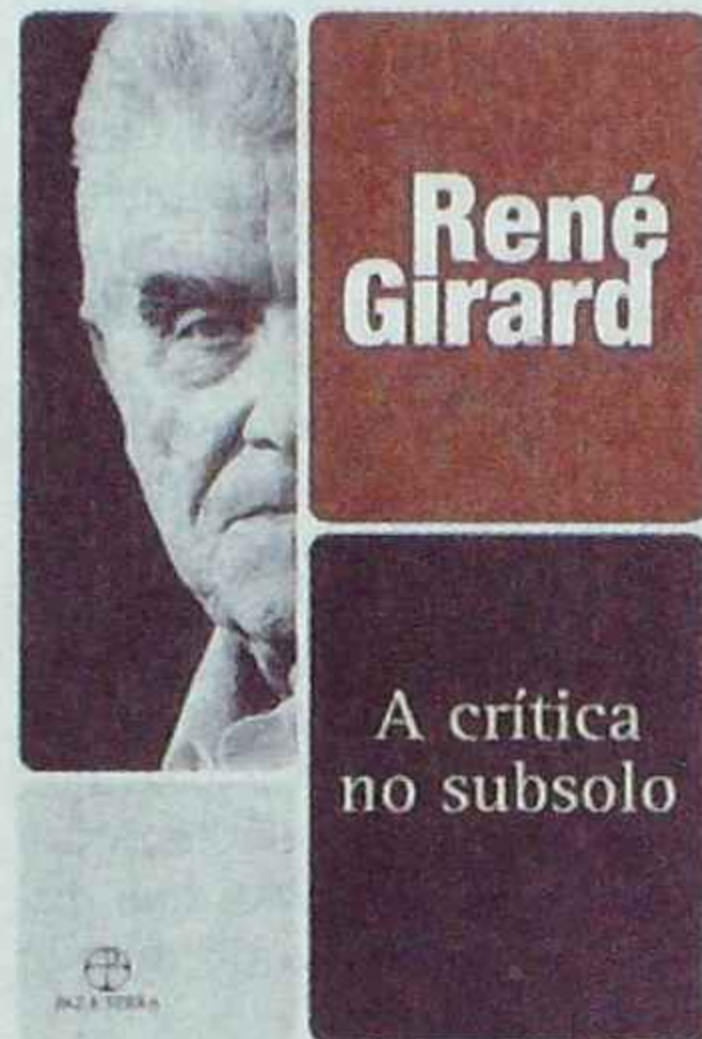
“Quem de nós vai se tornar um deus?” perguntava-se Alfred de Musset. Kirillov, de “Os demônios”, romance de Dostoiévski, responde: “Aquele para quem for indiferente viver ou não viver será o novo homem. Quem vencer a dor e o medo, esse mesmo será Deus. E o outro Deus não existirá.” O livro de René Girard nos oferece uma poderosa teoria para explicar, depois do questionamento dos dogmas religiosos, esse desejo do homem moderno de superação de si e de Deus, sempre presente em grandes obras literárias e em especial na filosofia de Nietzsche. O mesmo Deus que está morrendo, o Deus possessivo dos hebreus, é o modelo que determina a qualidade particular do individualismo ocidental. Precisamente porque Ele não tolera rivais, quer estar sozinho em sua soberania, Ele é o verdadeiro “pai” do Eu solipsista. O indivíduo alimenta o desejo de copiar o Deus modelo para, em seguida, rivalizar com Ele.

Girard foi uma figura chave no debate do pós-estruturalismo francês, como um de seus opositores e companheiros de

geração. Sua carreira iniciou-se na crítica literária, e o livro “A crítica no subsolo”, de 1976, é o primeiro que recolhe alguns dos principais ensaios que introduziram sua filosofia. Nele pode-se encontrar a base teórica de uma nova antropologia, que foi elaborada depois nos renomados “A violência e o sagrado” e “O bode expiatório”. Ela se estabelece naquilo que Girard chama de “rivalidade mimética”, o conceito central de sua obra, desenvolvido a partir da análise de cenas da vida social e de grandes obras literárias, cujo valor está precisamente na capacidade de revelar os conflitos humanos essenciais.

Diálogos críticos com Freud, Lacan, Lévi-Strauss e Deleuze

Duas crianças com muitos brinquedos deveriam se servir cada qual do seu. Contudo, quando a mais velha escolhe um, a mais nova passa a querer o mesmo. Para Girard, o egoísmo que a criança exhibe sem pudores é o mesmo que os adultos aprendem a esconder, repetindo, no entanto, a mesma forma de agir por outros meios. Em “O



eterno marido”, de Dostoiévski, o marido traído, depois da morte da esposa, sai à procura de seu rival e propõe que o acompanhe na visita a uma moça por ele cortejada e sua família. O viúvo redobra seu ódio quando ela termina por simpatizar mais com o outro do que com ele. Aos numerosos exemplos encontrados na obra, soma-se um da própria vida de Dostoiévski: ele chega a ponto de só desejar sua futura mulher, Maria Dmitrievna, enquanto a disputa com o rival, Vergunov. Depois da vi-

tória, quem foi o padrinho do casamento? Vergunov.

O arsenal de exemplos literários e biográficos prova, segundo o crítico, que o desejo se estrutura a partir da mimese do outro, isto é, da rivalidade mimética. Esse princípio fundamenta, em primeiro lugar, uma crítica à psicanálise, que veria aí uma relação homossexual latente de amor e ódio com o pai, ideia que Girard contesta assinalando que o que importa não é um tipo de objeto, mesmo que estrutural — o pai — mas a rivalidade em si, na qual o objeto e a sua função podem variar. Contudo, mantém-se a triangulação: entre os dois sempre há um objeto de disputa, assim como entre amantes sempre há um terceiro.

Os melhores momentos do livro comprovam uma aptidão especial do pensador para reconhecer estruturas religiosas em fenômenos bem modernos, sendo esse o seu maior mérito. Toda uma ambição teórica que abarca crítica literária, psicologia e antropologia mobiliza críticas muito pertinentes a Freud, Lacan, Lévi-Strauss e, especial-

mente, Deleuze e Guattari, no ensaio sobre “O Anti-Édipo” escrito no momento de sua publicação, em 1972. É no exagero de sua contribuição — ter esclarecido o mecanismo do desejo mimético — que aparece o maior problema; ou seja, quando generaliza sua descoberta para toda subjetividade e cultura.

O misticismo e a comunhão dionisíaca, contra a disputa

O pensador francês observa que os protagonistas de Dostoiévski nem sempre estão do lado do homem subterrâneo, aquele que inveja a superioridade de seu rival. Às vezes encarnam aquele que possui um tal domínio de si que exerce o poder sobre os outros, precisamente quando manifestam um “desprendimento” e indiferença incomuns. Mas a totalidade da obra não privilegia o domínio de um sobre todos: revela que ele só é divino para os outros; na verdade, sua superioridade é meramente humana. Ninguém é deus. Se não é possível escapar da dependência do outro, não há saída para o inferno sem fim da rivalidade?

A hipótese do desprendimen-

to dominador ignora um desprendimento mais radical, o do místico, que não leva a uma mera troca de papéis, mas a uma verdadeira saída do círculo vicioso das projeções, quando o sujeito se desprende de tudo e se une ao absoluto, ou ao nada, aqui a palavra não importa. Não há nem rivalidade, nem dois, nem três, só há um, exatamente quando o eu abandona a si mesmo. Tal experiência está presente na literatura moderna e entrevê uma saída do nihilismo vinda da embriaguez dionisíaca da poesia. Nesse sentido, sadismo e masoquismo entre rivais, ou entre homem e absoluto, dão lugar a uma outra realidade que desmonta o sistema perverso. Curiosamente, um dos melhores trechos do livro aponta para o seu ponto cego: “No entanto, não devemos esquecer que os trovadores tomaram essa linguagem emprestada da mística cristã, e os grandes poetas do mundo ocidental, de Baudelaire a Claudel, nunca confundiram esse conjunto do imaginário místico com uma simples retórica; eles sempre souberam preservar ou reencontrar, em suas obras, um pouco da força sagrada original, seja para saboreá-la, seja para denunciar seu alcance blasfematório”. ■

EDUARDO GUERREIRO B. LOSSO
é professor de Teoria da Literatura da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro